

VER PRA CRER? UM OLHAR DIFERENCIADO SOBRE A COLEÇÃO CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DO PONTAL DA BARRA, PELOTAS/RS

**BRUNO LEONARDO RICARDO RIBEIRO¹;
RAFAEL GUEDES MILHEIRA²**

¹*Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (Lepaarq/UFPel); bolsista PIBIC/CNPq – brunoleo.ribeiro@gmail.com*

²*Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPel) – milheiraraafael@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa objetiva um estudo arqueológico e antropológico dos vestígios culturais oriundos do complexo cerriteiro do Pontal da Barra, Pelotas-RS, desenvolvido no âmbito do projeto “Arqueologia e História Indígena do Pampa: Estudo das populações pré-coloniais na bacia hidrográfica da Laguna dos Patos e Lagoa Mirim”. Tratando-se da Arqueologia, estamos realizando um minucioso estudo tecnológico de vestígios cerâmicos caracterizados como pertencentes à Tradição Vieira, coligidas durante as escavações destes Cerritos. Da Antropologia vêm sendo adotadas noções referenciais teórico-interpretativas relacionadas à perspectiva animista (DESCOLA, 2005), e à tecnologia como um conjunto de relações de caráter socio-técnico (DESCOLA, 2002). Metodologicamente, vem sendo realizado um estudo simétrico (LATOURET, 1994), pautado pela Teoria do Ator-Rede (LAW, 1992; LATOURET, 2006) e balizado por forte referencial técnico analítico (RICE, 1987; LA SALVIA E BROCHADO, 1989; dentre outros). O objetivo final deste trabalho está focado tanto na identificação das relações existentes entre pessoas e objetos quanto na descrição das cadeias operatórias e possíveis usos feitos destas cerâmicas no seio do coletivo que as deram origem.

Numa rápida apresentação, a Tradição Vieira foi estabelecida seguindo a cartilha de seriação estilística, tipologia e cronologia para culturas e tecnologias de James Ford, enfaticamente promulgada no Brasil durante as décadas de 1960-70 pelos pesquisadores norte americanos Betty Meggers e Clifford Evans e pelo PRONAPA (DIAS, 1995). Comumente, a “Tradição Vieira” é caracterizada como uma indústria cerâmica “simples” e “homogênea”, produto de uma “*Sociedade Marginal*” (STEWART, 1946), de baixo esmero, sem grandes investimentos decorativos, produzida por artesãos(ãs) de pouca habilidade e de caráter estritamente utilitário; coleções tão escassas e tão fragmentadas que não permitiriam estudos muito aprofundados. Essa é, inclusive, a visão de alguns especialistas que se debruçaram sobre os conjuntos cerâmicos dos cerritos, e algo amplamente divulgado através do modelo “clássico” publicado na tese de Livre docência de SCHMITZ (2011[1976]). Essa caracterização, que aqui é entendida como uma “sobrevivência interpretativa” dessa escola histórico-culturalista que outrora predominou no pensamento arqueológico brasileiro, parece ter contribuído, também, para a manutenção da Tradição Vieira na “periferia” do cenário arqueológico brasileiro, o que relegou seus estudos a um segundo plano.

Em retrospecto, pesquisas sobre as cerâmicas dos Cerritos do Sul do Brasil são escassas, e em sua maioria, meramente descritivas, o que só tem corroborado a já estabelecida imagem depreciativa das cerâmicas da “Tradição Vieira”. Mesmo no Uruguai, onde as pesquisas sobre os “cerritos de índio” receberam um impulso

processual e se re-oxigenaram ao longo das décadas de 1980-90 (IRIARTE, 2007; PÉREZ, 2013), poucos foram os esforços realizados na direção de um estudo sobre estas ocupações que contemplassem de maneira significativa seus vestígios arqueológicos cerâmicos. Respeitando as peculiares características das coleções aqui estudadas, evitando análises simplistas e comparativas com indústrias cerâmicas de outras culturas indígenas e desvinculado de noções apenas utilitaristas do conceito de tecnologia, o principal objetivo deste estudo é exatamente promover uma (necessária) atualização dos estudos sobre a cerâmica cerriteira.

2. METODOLOGIA

A metodologia que vem sendo adotada para a análise dos fragmentos, de caráter estritamente técnica, foi elaborada tendo por base extensa bibliografia condizente (CHYMZ, 1976; SCHIFFER & SKIBO, 1987; PROUS, 1992; dentre outros) e, para tanto, lançamos mão de etapas analíticas distintas, pautadas pelo preenchimento de fichas de análise diferenciadas para etapas quantitativas (inventário de atributos físicos e técnicos) e qualitativas (estudo descritivo-textual). Paralelamente, extenso levantamento bibliográfico vem sendo realizado, cujos principais objetivos envolvem: 1) a caracterização conceitual vigente da cerâmica cerriteira (Tradição Vieira); 2) o estabelecimento de um histórico das pesquisas (arqueológicas, antropológicas e etnográficas) realizadas sobre estas populações, seus testemunhos arqueológicos e as interpretações a eles atribuídas até o momento; e 3) a elaboração de um consistente referencial teórico voltado à interpretação dos apontamentos obtidos através deste próprio levantamento bibliográfico e dos dados acumulados através da análise dos vestígios arqueológicos propriamente ditos.

Finalmente, dadas às pretensões holísticas desta pesquisa, voltada a uma atualização interpretativa das cerâmicas dos cerritos do Pontal da Barra, estamos trabalhando com uma triangulação entre teorias e conceitos antropológicos. Abordamos a pesquisa através das propostas teóricas do animismo (DESCOLA, 2005) e da Teoria do Ator-Rede (LATOUR, 2006; LAW, 1992), adotando o conceito de Tecnologia como produto socio-técnico, fruto de relações tecidas entre os atores humanos e não-humanos do mundo (DESCOLA, 2002). Aplicadas e correlacionadas neste estudo, tais diretrizes explicitam ainda mais o caráter etnocêntrico e pejorativo das anteriormente citadas caracterizações atribuídas aos grupos cerriteiros, e que a correlação simples e direta entre “desenvolvimento tecnológico” e “complexificação social”, extremamente evolucionista e ocidental, não se aplica ao estudo de caso aqui apresentado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foram finalizadas as análises de três dos cinco cerritos previstos no projeto, e a quarta coleção encontra-se em processo de análise. Durante estes trabalhos vem sendo constatado que, para o caso do Pontal da Barra, a questão da “homogeneidade cerâmica” não se aplica. Apesar de realmente ter sido verificada uma baixa variabilidade no que diz respeito à morfologia dos vasilhames, um olhar mais atento tem revelado o envolvimento de argilas diferentes e grande variedade de tratamentos de superfície no bojo técnico dessa indústria cerâmica. Não menos que cinco tipos distintos de argilas e mais de 10 tipos diferentes de tratamentos de superfície foram identificados, desde os alisamentos

mais grosseiros a finos polimentos, alisamentos com estrias irregulares e alisamentos finos com estrias extremamente regulares, o que aponta para o envolvimento de uma série de instrumentos distintos nesta etapa da confecção dos vasilhames.

No que diz respeito aos elementos antiplásticos presentes nestas pastas, nada muito diferente do usual foi verificado: predomínio de grãos de areia quartzosa com ocorrência de materiais orgânicos e ferruginosos, além de conchas moídas. Apesar de se tratarem de elementos possivelmente já presentes na argila quando de sua captação e uma leitura sobre a sua inserção intencional ser de difícil diagnóstico, uma interpretação alternativa poderia ser postulada, por exemplo, sobre as conchas moídas, principalmente quando pensadas de uma perspectiva animista. Se equacionarmos o grande volume de otólitos verificados nestes cerritos e levarmos em consideração que os coletivos cerriteiros do Pontal da Barra eram grupos intrinsecamente relacionados ao ambiente aquático (de onde retiravam, inclusive, porção significativa de sua subsistência), talvez possamos inferir, mesmo que hipoteticamente, um estatuto diferenciado relacionado à presença destes elementos, um estatuto de ordem cosmológica.

Outro aspecto que nos chamou atenção foi a recorrência de superfícies “banhadas”, que envolveriam a inserção de mais uma etapa nesta cadeia de produção que demandaria o preparo de outra “pasta”, mais líquida, a ser despejada sobre o vasilhame, garantindo-lhe uma superfície de coloração e textura diferenciada, se comparada com as superfícies “originais” dos cacos. O que nos parece contrastar com a quase ausência de motivos e padrões decorativos, plásticos ou pintados, e que por sua vez nos levou a questionarmos se tais “banhos” talvez não desempenharam papéis diferenciados e não apenas utilitários/produtivos. Principalmente quando pensados em associação a um claro exemplo, verificado ao longo das análises, de um aspecto produtivo que parece dotado de atributo estético, o que temos chamado de “lábio decorado em saia”, para o qual ainda não identificamos, na bibliografia de referência, nenhum paralelo.

Finalmente, dada a alta taxa de fragmentação – algo recorrente em coleções cerâmicas de cerrito em função de variada e intensa gama de atividades pós-deposicionais – o grau de remontagem e o estabelecimento de conjuntos de fragmentos entendidos como de um mesmo vasilhame tem sido relativamente baixa. Salvo aqueles casos em que apenas um ou dois fragmentos foram remontados, apenas 06 conjuntos puderam ser seguramente remontados ou estabelecidos, 05 deles oriundos de uma mesma coleção, e todos envolvendo quatro ou mais fragmentos.

4. CONCLUSÕES

O estudo das cerâmicas do complexo cerriteiro do Pontal da Barra tem indicado que, contrário aos dados publicados na literatura especializada, as populações cerriteiras dispunham de técnicas e habilidades necessárias para a elaboração de objetos com acabamentos sofisticados, e assim, sua escolha por não adotá-las como regra pode estar mais relacionada a aspectos cosmológicos e/ou ontológicos desses grupos que à inaptidão ou limitação técnica, diagnóstico comum da arqueologia “tradicional”. Ainda, sugerimos que, se observados em perspectiva não humanocêntrica, não apenas os cerritos em si, mas as próprias cerâmicas cerriteiras, mais que simples parafernália doméstica utilitária, parecem ser, também, elementos ativos no cotidiano da imbricada rede de relações estabelecidas pelo

coletivo, agentes fundamentais na transmissão, manutenção e mediação das relações entre as diferentes “facetas” do mundo que este coletivo habitava.

Vale ressaltar também que por trás da idéia de ceramistas simples e incapazes, reside uma perspectiva preconceituosa sobre as populações indígenas, compreendidas como “marginais”, em um cenário de baixo desenvolvimento cultural. Nosso trabalho, além de desconstruir, portanto, a idéia de simplicidade e homogeneidade técnica, contribui para uma observação “sem preconceitos” destes grupos indígenas pré-coloniais, trazendo à tona elementos tecnológicos desconhecidos e enriquecendo a diversidade social dos estudos Arqueológicos, Antropológicos e historiográficos regionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHYMZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. In: **Cadernos de Arqueologia**, ano 1, n. 1, p.119-147, 1976

DIAS, A. S. Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Curitiba, v.19, n.22, p.25-39, 1995.

DESCOLA, P. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. In.: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n.18, p.93-112, 2002.

DESCOLA, P. Beyond Nature and Culture. Radcliffe-Brown Lecture in Social Anthropology. In: **Proceedings of the British Academy**, London, n.139, p.137-155, 2005.

IRIARTE, J. La construcción social y transformación de las comunidades del Período Formativo Temprano del sureste de Uruguay. **Boletín de Arqueología PUCP**, Lima, n.11, p.143-166, 2007.

LA SALVIA, F. & BROCHADO, J. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato& Cultura, 1989.

LATOUR. B. **Jamais fomos modernos – ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LATOUR. B. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? In: **Configurações**, Cidade do Porto, n.2, p.11-27, 2006.

LAW, J. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy and Heterogeneity. In: **Systems Practice**, New York, v.5, n.4, p.379-393, 1992.

PÉREZ, L. C. Construcciones en tierra y estructura social en el Sur del Brasil y Este de Uruguay (Ca. 4.000 a 300 a. A.P.). **Techne**, Portugal, v.1, n.1, p. 25-33, 2013.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

RICE, P. M. **Potteryanalysis: a sourcebook**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

SCHIFFER, M. B. & SKIBO, J. M.: Theory and Experiment in the Study of Technological Change. In: **Current Anthropology**, Chicago, v.28, n.5, p.595-622, 1987.

SCHMITZ, P. I. **Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil**. Tese de Livre Docência. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. 2011[1976].

STEWART, J. H. **Handbook of South American Indians**. V.1, The Marginal Tribes. Washington, DC.: Smithsonian Institution – Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 1946.